

# INVENTÁRIO DE PESQUISA: UMA POSSIBILIDADE DE ORGANIZAÇÃO DE DADOS DA INVESTIGAÇÃO

■ GUILHERME DO VAL TOLEDO PRADO

Universidade Estadual de Campinas

■ RENATA BARROSO SIQUEIRA FRAUENDORF

Universidade Estadual de Campinas

■ GRACE CAROLINA CHAVES BULDRIN CHAUTZ

Universidade Estadual de Campinas

## RESUMO

O presente artigo apresenta um modo de produção de dados na pesquisa narrativa, que tem sido nomeado pelo GEPEC/UNICAMP como “inventário da pesquisa”. Para isso, revisitamos produções do grupo, na tentativa de compreender como os pesquisadores têm produzido o acervo de materiais a serem analisados em suas práticas de pesquisa. Realizamos a leitura de teses e dissertações, elaboradas entre os anos de 2006 a 2016, totalizando 70 produções do grupo. Pudemos viver com cada autor seu peculiar percurso investigativo. O exercício de inventariar os dados da pesquisa nasce como sendo um procedimento metodológico que convida o pesquisador a revisitar a sua prática pedagógica, enquanto delinea a pesquisa no processo de investigação. Nesse percurso, em diálogo com teóricos, os pesquisadores têm a possibilidade de, ao se debruçarem nos documentos catalogados, não só tomar consciência do saber da experiência construído como também sustentar sua ação de inventariar. Ao finalizar a organização dos dados e as reflexões advindas do processo, concretiza-se uma parte da pesquisa, constituindo-se uma possibilidade de investigação narrativa que produz sentidos outros à produção de conhecimentos, em diálogo com os saberes do cotidiano escolar e acadêmicos.

**Palavras-chave:** Pesquisa narrativa. Inventário. Dados. Fontes de informação.

## ABSTRACT

### RESEARCH INVENTORY: A POSSIBILITY OF ORGANIZING RESEARCH DATA

The present article presents a way of producing data in narrative research, which has been named by GEPEC / UNICAMP as “research inventory”. To do this, we revisit the group’s productions, in an attempt

to understand how the researchers have produced the collection of materials to be analyzed in their research practices. We carried out the reading of theses and dissertations elaborated between the years 2006 to 2016, totaling 70 productions of the group. We were able to live with each author his own investigative path. The exercise of inventorying the data of the research is born as a methodological procedure that invites the researcher to revisit his pedagogical practice, while delineating the research in the research process. In this course, in dialogue with theorists, researchers have the possibility of not only becoming aware of the knowledge of experience built, but also of sustaining their inventory action. At the end of the organization of the data and the reflections resulting from the process, a part of the narrative research materializes, constituting a possibility of narrative investigation that produces other senses to the production of knowledge, in dialogue with the everyday scholarly knowledge and academics.

**Keyword:** Narrative research. Inventory. Data. Information Sources.

## RESUMEN

### INVENTARIO DE PESQUISA: UNA POSIBILIDAD DE ORGANIZACIÓN DE DATOS DE UNA INVESTIGACIÓN

El siguiente artículo presenta un modo de producción de datos en la investigación narrativa, que ha sido nombrada por el GEPEC/UNICAMP como “inventario de la investigación”. Para ello, revisamos producciones del grupo, en el intento de comprender cómo los investigadores han producido el acervo de materiales a ser analizados en sus prácticas de investigación. Realizamos la lectura de tesis y disertaciones elaboradas entre los años de 2006 a 2016, totalizando 70 producciones del grupo. Hemos podido vivir con cada autor su peculiar itinerario investigativo. El ejercicio de inventariar los datos de la investigación nace como un procedimiento metodológico que invita al investigador a revisar su práctica pedagógica, mientras delinea la investigación en el proceso investigativo mismo. En este recorrido en diálogo con teóricos, los investigadores tienen la posibilidad de, al inclinarse en los documentos catalogados, no sólo tomar conciencia del saber de experiencia construido sino también sostener su acción de inventariar. Al finalizar la organización de los datos y las reflexiones provenientes del proceso, se concreta una parte de la investigación narrativa, constituyéndose una posibilidad de investigación narrativa que produce sentidos otros a la producción de conocimientos, en diálogo con los saberes de lo cotidiano escolar y académicos.

**Palabra clave:** Investigación narrativa. Inventario. Datos. Fuentes de información.

## Introdução

Fazer o inventário vos digo  
Que é uma tarefa complexa  
Tenho de papéis com recado  
A lista de presença impressa.

Wilson Queiroz (2012, p. 203)<sup>1</sup>

A pesquisa narrativa parece ao pesquisador uma tarefa preme de vida. Ao tecê-la em tramas, que lembram, muitas vezes, um partilhar na e com a vida, sentida ao vivo e em cores, surgem contornos intensos e suaves que se revelam imponentes no momento de narrá-la. Neste artigo, pretendemos abordar um desses contornos – o “inventário da pesquisa” – quando o mesmo acontece no tear da produção “narrativa”.

Essa escolha, entre tantos contornos possíveis neste tipo de pesquisa, sugere dizer que a vida de um investigador narrativo não é tão simples como pode parecer aos olhos daqueles que relutam em validar a investigação narrativa como uma opção metodológica de pesquisa no campo da educação. Paralelamente à trajetória de leituras, fichamentos, escrita de narrativas, é aconselhável que, no início do processo, se organizem informações que poderão converter-se nos dados/achados da pesquisa, uma vez que “os pesquisadores narrativos precisam reconstruir sua própria narrativa de histórias de pesquisa e estarem alertas para possíveis tensões entre aquelas histórias narrativas e a pesquisa narrativa que desenvolvem” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 80).

Inventariar o acervo de materiais para a pesquisa, como tem sido nomeada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação

<sup>1</sup> Wilson Queiroz é pesquisador do GEPEC e, em sua dissertação intitulada *De docência e militância: a formação de educadores étnicos num programa da Secretaria Municipal de Educação de Campinas - 2003 a 2007*, defendida no ano de 2012, produziu cordéis em que abordou, em alguns versos, a reflexão sobre a produção do inventário. As epígrafes deste artigo são compostas por alguns versos de seu cordel.

Continuada – GEPEC, é uma prática da investigação que muito tem contribuído para essa ação de reconstrução das histórias narrativas e que pode ser observada em várias dissertações e teses, revelando uma marca desse grupo.

Essa prática de inventariar informações para a investigação não é algo recente. Teve sua origem na tese da professora e pesquisadora Corinta M. G. Geraldi, denominada *Produção do Ensino e Pesquisa na Educação: estudo sobre o trabalho docente no curso de Pedagogia*, defendida em 1993, com orientação do Prof. Dr. Milton José de Almeida. Desde então, ela vem ganhando formas, contornos e força nas diferentes produções do GEPEC.

## Como um revisitar...

Estou indo buscar  
Um pouco da minha história  
Estou indo buscar  
Revirando o baú da memória

Wilson Queiroz (2012, p. 3)

Morais (2006) dedicou um capítulo de sua tese de doutorado, intitulada *Percursos de uma experiência de formação continuada: narrativas e acontecimentos*, para mergulhar mais a fundo na compreensão dessa prática de investigação e das implicações desse ato de organizar os materiais de pesquisa no processo de formação do pesquisador. Capítulo que foi base para a escrita, em parceria com Prado, do artigo *Inventário – organizando os achados de uma pesquisa*, publicado na revista *EntreVer*, em 2011. Nesta publicação, os autores defendem a ideia do inventário como uma possibilidade de organização de dados de uma pesquisa e refletem sobre os limites e avanços que essa opção metodológica traz para o campo da pesquisa em educação.

Assim, mobilizados pelo desejo de ampliar as reflexões propostas pelos autores em 2011,

debruçamo-nos no percurso realizado por diferentes pesquisadores do GEPEC, entre os anos de 2006 a 2016. Para esse estudo foram analisadas 70 produções, entre dissertações e teses, disponíveis no Repositório Institucional da Unicamp<sup>2</sup> dos quatro orientadores que compunham o grupo na época.<sup>3</sup> Desse conjunto, refinamos a busca para as pesquisas que continham o inventário, delimitando nosso campo de análise a 27 pesquisas.

Dialogar com essas produções nos permitiu observar o quanto essa prática de inventariar é muito maior que apenas catalogar os materiais de pesquisa como algo frio e distanciado. No processo de elaboração do inventário, os autores da pesquisa dão contornos únicos à ação investigativa, ao experienciar diferentes memórias produzidas no contato com inúmeros materiais constituintes do tema pesquisado. Para além de pontos comuns, foi possível conhecer as singularidades de cada pesquisador, neste peculiar exercício investigativo. As formas de organizar, como organizar, o que incluir, o que deixar de fora, dizem muito da história do sujeito pesquisador, porque são escolhas que contam de si, que desvelam e revelam: sofrimento, desencanto, encanto, paixão, medos de um *passadopresentefuturo*, de algo que foi, é e virá a ser.

Nas palavras de Lima (2003, p. 31), uma das pesquisadoras pioneiras a fazer uso dessa metodologia:

ao inventariar, é [...] necessário promover uma busca arqueológica, vasculhar baús, remexer os (guar)dados e recuperar sua história. Se, por um lado, as condições de produção dos dados e a distância do acontecimento no tempo dificultaram a arqueologia dos dados, por outro, possibilitaram a extraposição. Foi possível

2 Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/>>. Acesso entre os meses de abril e junho de 2017.

3 Professora Corinta M. G. Geraldí (1992 a 2007); Prof. Maria Carolina Boverio Galzerani (2013 a 2015, in memoriam); Prof. Ana Maria Falcão de Aragão (2003 até hoje) e Prof. Guilherme do Val Toledo Prado (1996 até hoje).

reencontrá-los pelo paciente gesto de recolher peças e remover-lhes o pó depositado pelo tempo; raspar de leve, camada por camada, e desvelar o que havia se acomodado embaixo delas; desfazer as nervuras do tempo que, propositalmente ou por acaso, se dobraram sobre o que precisava ser dito; organizá-las de modo a construir e reconstruir um sentido do todo a partir de cada fragmento, num jogo de contínuo cotejamento.

A partir do levantamento de várias contribuições tecidas no interior das pesquisas, pudemos ampliar o significado da palavra inventário, para além da ideia de ser uma relação dos bens pertencentes ou que pertenceram a alguém ou a alguma empresa; ou entendido como descrição minuciosa; registro; rol; relação; catálogo; lista, de acordo com os dicionários. Passamos a compreender o termo inventário como um procedimento metodológico que convida o pesquisador a revisitar a sua prática pedagógica, compreender e visitar escritos, imagens, objetos, suportes de lembranças, que fazem parte de sua história, por terem sido produzidos em tempos e lugares outros. Aprendemos com esse estudo que, mais do que fazer uma análise distanciada dos (guar)dados (GERALDI, 1993), inventariar significa senti-los em suas múltiplas ressignificações, que renascem na tessitura do texto, delineando para o pesquisador possíveis achados que contam de uma pesquisa, que acontecem ao se pesquisar.

Passamos a considerar também a produção do inventário como um processo transformador, porque os documentos não se limitam mais apenas ao pesquisador, mas também a quem mais queira se apropriar deles, no intuito de reinventá-los ou de, simplesmente, lê-los sem nenhuma pretensão.

Trata-se de um convite que permite tanto ao pesquisador como ao leitor o reencontro com um mundo conhecido, embora muitas vezes adormecido, outras tantas vezes esqueci-

do, em uma certa caixa de guardados, em cadernos num sótão escuro, ou entre milhares de arquivos digitais.

Reencontrar-se com esses materiais, que se configuram como documentos pela riqueza de informações e dados que trazem explícita ou implicitamente algo da temática a ser investigada, por vezes acaba sendo um ato muito maior que a própria pesquisa, principalmente para aqueles sujeitos que investigam a própria prática. Como diz Benjamin (1995), os materiais recolhidos nos diferentes tempos e

espaços podem ajudar a recontar as histórias a contrapelo.

Morais (2006, p. 241) brinca com a palavra inventariar e chega em “inventar-criar”. Agregua a qualidade de levantamento de informações à ação de criação, de algo que é particular para algo que é muito diferente do que é padronizado. Ao organizarem o inventário, os pesquisadores acabam sendo convocados a realizar um ato de criação para dar a ver e a entender de onde brotam, e por que brotam os sentidos para os dados da pesquisa.

## INVENTARIAR, INVENTARiar, INVENTAR iar.

A brincadeira de Moraes (2006) nos instigou a ir além, e a continuar a pensar na polifonia da palavra inventariar.

## INVENTARIAR, INVENTARiar, INVENTAR iar, in **VENTAR** iar, invent **AR** iar, inventa **RI** ar, invent **ARIAR**

Uma palavra aparentemente sem atrativos, como pode parecer o ato de fazer um inventário, principalmente quando o pesquisador narrativo se vê diante do desafio desta ação. Mas, por outro lado, uma palavra que carrega em si segredos, tal qual acontece ao pesquisador, ao se debruçar sobre os seus guardados.

Ao inventariar os dados da pesquisa, sejam aqueles que remetem à experiência vivida pelo pesquisador, na sua trajetória pessoal/profissional, sejam os dados que integram o *corpus* da pesquisa, precisamos deixar o **ar** circular por entre os documentos. Oxigenar papéis, lembranças, experiências, para então espalhar tudo aquilo que está ali juntinho, preso com uma fita de cetim, um *clipe*, ou num caderno fechado. Ao **ventar**, assoprar o **ar** sobre aquele mundo de informações, geralmente guardadas compactamente, cria-se uma grande bagunça, desorganização. Assim, perante este aparente caos após a ventania, feliz é o pesquisador que aprende a **rir** de si mesmo, que se alegra

ao encontrar caminhos e possibilidades e se desloca do incômodo ou do desespero inicial para a esperança proporcionada pela procura, pela busca de novos e outros sentidos. Hábil é aquele que consegue **ariar**, desbastar a grande enxurrada de documentos e identificar nos materiais de pesquisa os mais propensos ao desenvolvimento da investigação, assim como faz o jardineiro, ao limpar as árvores de ramos velhos ou frutos em excesso, para propiciar o nascimento de novos ramos e novos frutos.

Este saber da experiência (BONDIA, 2002) construído ao longo do processo de elaboração do inventário foi se tornando presente nas diversas dissertações e teses analisadas com maior ênfase a partir de 2006. Um saber narrado por diferentes vozes e nuanças como pode-se observar nos trechos a seguir. Moraes (2006, p. 238) afirma que:

[...] preciso seria selecionar daquilo que eu tinha, uma parte – escolher o que do grande acervo guardado, receberia a identificação de

materiais da pesquisa. Isso implicava em duas ações de natureza distinta a produzirem ações de resultado complementares: separar, retirar do conjunto tudo que parecesse não tão necessário, para juntar, criando o conjunto de objetos da pesquisa. Tudo isso parecia razoável. Estava convencida do que tinha a fazer.

Serodio (2014, p. 332) nos revela que há:

Nos cadernos, marcas do que não posso esquecer, mas esqueci. Muitas... só ao ler de novo fui reconstituindo o passado que eu sonhava mudar, narrativas como se fossem propostas de pensamento, exercício de escolher palavras e perceber que me repito. Ou que o que penso não está nas palavras escolhidas. Ou sim, o que falta é dar-lhes uma ordenação adequada, garantindo a gramática.

Ou nas palavras de Frauendorf (2016, p. 26):

Organizando o meu inventário, por diversas vezes questionei-me sobre o sentido da árdua tarefa que estava fazendo. Árdua porque parecia sem fim e, por vezes, parecia que pouco me ajudaria em minha pesquisa. Durante essa organização a pergunta que mais me fazia era: por que estou fazendo isso? Será que não é perda de tempo ficar catalogando esse monte de arquivos?

Independente de quando ou como ocorre, esse sentimento de angústia, de aparente desalento, desordem, parece constituir o processo inicial de organização do inventário, para que, vencida essa etapa, o pesquisador possa percorrer com mais segurança novos trajetos, ampliando a noção do que pode ser um documento. E iniciar uma nova avalanche de reflexões: “Como juntar os montinhos? Por tempo! Qual? O linear, cronológico, por data? Mas algumas experiências são tão irrelevantes, tão triviais... OPA! será?” (CUNHA, 2010, p. 230)

As indagações, tão necessárias, tornam-se contornos imponentes que deslizam em busca da resposta à pergunta da pesquisa, que muitas vezes se torna ínfima diante da magnitude encontrada no ato de:

**Figura 1** – Nuvem de palavras.<sup>4</sup>



## O que descobrimos até o momento?

*O meu inventário já tem  
Muita coisa pra me dizer  
O desafio, contudo, porém  
É poder sobre ele escrever.*

Wilson Queiroz (2012, p. 221)

Na maioria dos trabalhos lidos, o inventário de pesquisa é citado no corpo do texto e materializado ao final do trabalho, em forma de tabela, como anexo. Essa organização aparece com maior frequência nas produções de 2006 a 2016, perfazendo um total de 15 trabalhos dentre os 27 analisados. No entanto, a priori, não seguem um rigor, uma certa forma definida. Fica a cargo de cada pesquisador decidir como será sua tessitura e como apresentá-lo. Porém, o ponto comum observado é o lugar destinado a ele. Tal aspecto foi problematizado por Moraes (2006, p. 247), ao questionar: “Para terminar, gostaria de dizer que em anexo (porque sempre ao fim?) o inventário completo pode ser visitado. Coloco-o ao fim, sem ousa-

<sup>4</sup> Quadro produzido a partir do link: <<https://www.wordclouds.com>>.

dia ainda de inverter a sua ordem naturalizada. Por quê?”

Entretanto, essa não é a única forma do inventário ser apresentado e, talvez como resposta à provocação de Morais (2006), nas produções a partir de 2006 é possível encontrá-lo como parte do texto da pesquisa, mesmo que ainda lhe seja destinado um lugar entre os anexos para expor as tabelas, as listas das relações de documentos analisados. Entre as 27 produções analisadas, 12 apresentam um texto de reflexão sobre o processo de confecção do inventário, como indicado a seguir:

Aos poucos vou compreendendo que o ato de inventariar surge no entremeio da narrativa como sendo uma opção metodológica de pesquisa em Educação. Em meus cadernos, o encontro sublime com a experiência e a narrativa, que me possibilitaram ver/viver/sentir a professora narradora de outrora no porvir do agora [...]. (CHAUTZ, 2017, p. 53)

Ou como afirma Cunha (2010, p. 230):

O guardado dos outros é sempre interessante, você vai criando a criatura/fato inventariada a cada descoberta. Mas o SEU inventário é um horror!

Você se vê frente ao seu passado pelos seus restos, sem o seu arsenal de desculpas que rodeavam o dado, o resto, o detalhe importante que... Meus cadernos de escola!

Nunca joguei fora um caderno e nem guardei; eles desapareceram da minha vida, ou vista, em algum momento por obra do Saci, do espírito santo ou de minha pessoa, que pode ter perdido, ou, em algum momento de lucidez, jogado fora.

As reminiscências vislumbradas compõem a proposta do “inventário de pesquisa”. Ao inventariar os achados, o pesquisador pode ver porque estes achados se materializam diante dos seus olhos, pode tocá-los e revivê-los. São materiais que convidam a novas narrativas, que buscam novas leituras do passado ali re-

memorado. Quão solitário e belo é o interior de uma reminiscência do vindouro! Diz Morais: “[...] um inventário ao mesmo tempo em que tem uma função conservadora, pode ter também uma importante função emancipadora, pois possibilita uma certa forma de (re)conhecimento (2006, p. 241)”.

Outra descoberta interessante, e que pode ajudar novos pesquisadores, na tentativa de compreender as razões para esse procedimento metodológico ser relevante para a pesquisa narrativa ainda no aspecto da organização, é que os documentos catalogados eram basicamente:

- referentes a materiais que dizem da história do pesquisador, recolhidos ao longo de toda sua trajetória, principalmente nas pesquisas cujo foco é a autoinvestigação ou a investigação da própria prática profissional;
- referentes aos documentos que integram o *corpus* da pesquisa, principalmente nas pesquisas que analisam o cotidiano escolar, a partir do envolvimento de outros sujeitos.

Por fim, alguns autores, ao catalogarem os documentos, fazem referência aos dois momentos, unindo, em seu inventário, o material produzido antes da pesquisa aos documentos que integram o *corpus* da mesma.

## O que leva o pesquisador a fazer o inventário? Onde buscar inspiração para vencer o comodismo?

*Estou indo buscar  
Tudo que já sinto forte  
Estou indo buscar  
Uma história que me dê suporte*

Wilson Queiroz (2012, p. 4)

A produção do inventário parte, na maioria das vezes, da indicação do orientador que

aconselha seus orientandos a inventariar o acervo de materiais de pesquisa por compreender que a organização desses materiais auxilia na sistematização da própria pesquisa.

Para a pesquisadora Chautz (2017, p. 86-90), este processo foi cercado de momentos de encantamento. Em sua dissertação, ela narra o seu feliz encontro com os seus (guar)dados, que permitiram avivar memórias e intensificar sentimentos, vivendo em sentidos o percurso que responderia, ou não, a sua pergunta de pesquisa. Cadernos resgatados de um sótão empoeirado, que, ao serem **inVENTAR**izados, trouxeram para o âmbito da pesquisa o arejar da vida vivida na escola.

*[...] Ao resgatar meus Cadernos Refúgio e fragmentos de experiência, registrados em meus trabalhos da graduação, do sótão empoeirado, pude revisitá-los em longos dias, mergulhando em um universo só meu. Em um universo de linhas manuscritas e vividas, registros de uma história que avivou a memória e intensificou os sentimentos. Ao longo dessa visitação encontrei a resposta quando em meu projeto de pesquisa escrevi que estaria fazendo uma “pesquisa manual”. Uma pesquisa de escritas feitas à mão e tomada de significados que me perfaziam, todas encontradas em meus Cadernos Refúgio.*

*Segundo Walter Benjamin (1987, p. 197), ‘a experiência da arte de narrar está em vias de extinção’, uma vez que com a rapidez e volume da informação as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Assim sendo, a narrativa que tem em suas raízes o trabalho manual, comparado ao de um artesão, por Benjamin, hoje está quase extinta pelo trabalho industrial, uma vez que a praticidade e a rapidez imperam em nossa sociedade contemporânea e capitalista [...].*

*O exercício de inventariar me remeteu ao exercício de colher, sendo assim, meu primeiro exercício fora ler os registros aleatoriamente, sem uma ordem pré-determinada. A medida que folheava os cadernos, escolhia um trecho e lia, revivendo aqueles momentos que moram dentro de mim. Assim transcorreu o exercício, sem pretensões. Confesso que por muito tempo tudo*

*era nebuloso. O que estaria buscando naquelas marcas? Separei tudo em caixas e levei para o sótão novamente. Fora como guardar para não enfrentar novas possibilidades de reflexão.*

*Depois de longos dias pensava que teria que revisitá-los e o dia estava próximo. Todas as vezes que subia as escadas, sabia que os cadernos estavam lá, à minha espera. Ao penetrá-los novamente, resolvi lê-los na sequência. Escolhi o ano de 2008. Primeiro ano após a formatura da graduação, agora, professora iniciante. É como se tivesse aprendido a andar. Fora o encontro entre professora e seus alunos, sem a presença acalentadora da academia, com suas propostas de leitura e formação. As palavras borbulhavam e logo eram impressas no papel.*

*Antes desse encontro fulminante com meus cadernos, tinha a ideia de que era uma professora bem diferente no Ensino Fundamental. Ao término da leitura do Diário de 2008, começou um processo de desconstrução de alguns sentidos que se resignificaram. Descobri que não foi a prática na Educação Infantil que me fez a professora que sou hoje; que a necessidade da escrita nasceu da minha busca em saber o que as crianças queriam e precisavam aprender – não seguia livros, mas pesquisava nos livros; mostrou a maneira que me apropriei da autonomia pedagógica que existe na escola pública, e como gerir o espaço da sala de aula.*

*Digo desconstruí, pois tinha absoluta certeza de que tinha uma prática eminentemente sistematizada e desejei voltar para o Ensino Fundamental, imbuída pela prática da Educação Infantil, na tentativa de fazer diferente. Mas, descobri com a leitura do Caderno Refúgio de 2008, que já havia tido uma prática diferenciada no Ensino Fundamental e que na verdade a constatação não era essa, mas o fato de que eram as crianças que me moviam a uma prática e eu buscava desvendar essa prática, narrando.*

*Através dessa experiência de inventariar, abri o baú da compreensão sobre o meu ato de professorar.*

*Me lembro que ao ser indagada por uma colega professora que insistia em dizer que a capacidade de escrever é um “dom”, me perguntando*



*se desde a infância eu tinha o hábito de escrever, lhe contei sobre os cadernos e diários que havia produzido até então. A colega professora logo confirmou sua tese de que a escrita seria de fato um “dom”, utilizando-se dessa fala para justificar a ausência de escrita dos professores na escola.*

*O pensamento dessa professora a respeito da escrita me intriga e me move a percorrer a pergunta da minha pesquisa, que aponta para uma escrita narrativa do cotidiano que potencializa uma prática transformadora e singular.*

*Retomando a reflexão sobre a ação de inventariar, é permitido aqui dizer que se refere a um movimento de marcarmos um encontro conosco, sem que haja a possibilidade de voltarmos dessa experiência do mesmo modo que adentramos.*

*Ao mergulhar nos meus (guardados), pude reviver o período de cinco anos que sucederam à minha saída do curso de magistério, onde me recusei a pensar na possibilidade de ser professora. Foi um período de negação de mim mesma. Talvez seria nesse período que aprendi a gostar dos paradoxos, intrigante e constituinte da profissão docente.*

*Mas, nesse mergulho as voltas da emergência e imersão, pude constatar o quanto a escrita me conta, me revela e me traduz para que eu possa vir a saber sobre quem sou nessa caminhada de busca profissional e pessoal, porém, ao iniciar esse debruçar ao inventariar, pude comprovar o quanto essa busca não tem um fim, mas sim um início possível. Afinal, como divaga Manoel de Barros ‘me procurei a vida inteira e não me achei’.*

*Ao mergulhar nas escritas e procura de mim mesma no ato de inventariar, me encontrei com materiais que contam da minha constituição docente. Tudo, cada cartinha das crianças, cada foto, cada vídeo, cada dedicatória das minhas professoras nos trabalhos da faculdade, cada ensejo de produção com as crianças, contam sobre quem sou nesse processo. O meu primeiro rabisco na escola. Minha saia azul e meu tênis ‘conga’ azul marinho. Tudo se constitui na professora que sou. E como inventariar as lembranças? Talvez, contando-as no memorial de*

*formação.*

*Agora pude compreender os conselhos do professor Guilherme e da colega de grupo de pesquisa Heloísa ao me dizerem que eu deveria re-visitatar meus escritos e inventariá-los. Naquele momento não pude ter a dimensão temporal do que significavam aquelas palavras. Escrever sobre os escritos? Indagações inundavam minha mente. Afinal, são 37 anos de vida e 10 anos de docência, sem contar a complexidade impetrada pelos percalços da vida.*

No contorno e no entorno dessa narrativa, é possível observar que o foco de reflexão, desencadeado na pesquisadora, ao rever seus (guardados), está relacionado a um processo de tomada de consciência do que lhe constituía como docente: ao mergulhar nas escritas e na procura de si mesma, no ato de inventariar, a pesquisadora encontrou-se com materiais que contam da sua própria constituição docente. Um processo árduo e solitário, mas que certamente propicia a descoberta de diversos sentidos sobre a constituição pessoal e profissional dos professores e profissionais da escola. No caso desta pesquisadora, assim como para Lima (2003, p. 32):

*A memória também foi considerada como fonte. Ela está prenhe de sentimentos e de significados construídos nos acontecimentos. São significados que não se fixam, pois, a cada retorno ao acontecimento – lembrança –, novos matices se acrescentam à memória do fato, fazendo lembrar/esquecer outros.*

Entretanto, apesar da orientação, do estudo, de conselhos dos colegas, das gratas experiências vividas por alguns pesquisadores, inventariar nem sempre tem sido um procedimento imediatamente aceito pelo pesquisador não só pelo trabalho artesanal que envolve, mas também pelo trabalho emocional, afetivo, que este ato provoca.

*Arrebanhando dados que deverão me ajudar a entender o que faço quando ensino, para ler o*

que dizem os alunos e escutar melhor suas músicas, penso também me encontrar [...]

[...] Muitas das coisas que me lembrei, não encontrei. Muitas das coisas que tinha esquecido, pude ver que aconteceram! (SERODIO, 2014, p. 332)

Em sua narrativa, Frauendorf (2016) conta que, ao inventar **ARIAR**, descobriu como ir desbastando seu grande acervo, a fim de identificar os materiais de pesquisa. Para ajudar a explicar o que viveu ao longo deste processo de produção do inventário utiliza o trabalho de Sísifo<sup>5</sup> como metáfora.

É sabido que, no caso deste personagem, a tarefa de empurrar pedra morro acima lhe é dada para castigá-lo por ter enganado a morte, algumas vezes, e ter contrariado a ordem suprema. Assim, fazer o mesmo movimento, repetidamente, é a forma encontrada pelos deuses para puni-lo, uma vez que se trata de um trabalho rotineiro, interminável, sem razão de acontecer, justamente porque quando parece terminado é necessário recomeçá-lo. Segundo a pesquisadora, olhar para a tarefa de organizar o inventário como um castigo eterno era uma perspectiva que aos poucos foi tomando outros sentidos, foi se transformando, a cada nova subida de montanha, como pode ser observado no trecho de sua longa narrativa que tematiza o inventário:

*[...] Especificamente em meu caso, praticamente todo meu acervo está no computador. Ao inventariar meu material, constatei no final que transitei por 3.320 Arquivos, 111 Pastas. Mas o que desse material seria relevante para a pesquisa? O que selecionar?*

*O mito de Sísifo sempre mexeu comigo e a imagem que tinha era apenas o movimento de ida, a subida da montanha. Porém, a leitura do poema 'Como se desce uma montanha', no livro Sísifo desce a montanha de Affonso Romano*

5 Tarefa de Sísifo: empurrar uma pedra de mármore montanha acima até que ao chegar ao topo ela teima em voltar para o início.

*de Sant'Anna (2011), me apresentou um ângulo diferente: o autor inicia nos provocando, ao dizer que descer 'não é mais fácil nem menos perigoso do que subir — é diverso'. E arremata dizendo que 'a sensação ao descer é de complemento e não de vertigem, pois descer é outra arte'. Claro que se ele sobe e está condenado a empurrar a grande pedra morro acima, então ao chegar ao cume ele tem que descer. Como desce? Como sobe? Sempre faz o mesmo caminho? O que é mais difícil: subir empurrando uma pedra ou descer cuidando para não ser atropelado por ela? Será que ele pensou em diferentes estratégias a cada vez que precisava descer? Ou isto não estava em suas mãos, pois a gravidade se encarregava dessa tarefa? E subir? Em que medida essa tarefa tornou-se um processo de aprendizagem e descobertas sem fim, mas que, certamente, impactavam de uma forma ou outra a nova trajetória a encarar? Será que Sísifo fez disto uma experiência, como nos diz Larrosa (2014) a partir da ideia de que ao realizar esta ação algo podia lhe tocar, inspirar, provocar tremores? Eu acredito que sim, porque por mais que o fizesse todo dia, havia essa possibilidade. E nesse sentido deixaria de ser um castigo para se tornar uma aventura, um desafio? Será que a forma como olhamos para esta tarefa – um simples acontecimento ou experiência – é o que a coloca como castigo ou possibilidade?*

*Enfim, essa narrativa já me perseguia nos meus momentos de graça e dor durante meu trabalho como formadora e, novamente, como pesquisadora retornou à minha mente com força durante o processo de organização do meu inventário. Eu, pesquisadora, recorri ao eu, formadora, e pedi-lhe emprestada sua metáfora. Apelei a Sísifo em busca de dar sentido a esta tarefa. Na primeira 'subida morro acima' abri meu grande acervo, e me desesperei quando notei a quantidade de documentos que tinha guardados em meu computador desde quando era professora. Como dar conta de analisar todo aquele material, o que olhar, como olhar? À primeira vista tudo parecia importante.*

*A conversa com colegas que também estavam vivendo esse processo e a análise de outros inventários de pesquisa utilizados por pesquisadores do grupo – como Cunha (2006), Ferreira*

(2013) e Proença (2014) – me ofereceram pistas e ideias do caminho que poderia percorrer, mas ainda ficava insegura sobre o que excluir sem correr o risco de ‘mutilar um acervo que constitui nossa própria experiência’ (PRADO e MORAIS 2011, p. 144).

Na segunda subida – a partir da sugestão de meu orientador –, analisei documento por documento nas pastas referentes apenas a programas de formação continuada em que participei como formadora externa desde 2003. Essa trajetória foi um pouco menos sofrida que anterior, mas mesmo assim, ao abrir cada pasta para olhar os arquivos, era como se tivesse a longa caminhada morro acima para seguir. Ao finalizar sabia que haveria uma nova pasta a se abrir e, com isso, iniciar o processo todo novamente. Quanta insensatez: é o que me parecia!

Recorri à dissertação: Um olhar sobre a (complexidade da aula): componentes do trabalho pedagógico a partir de uma análise de uma professora sobre a sua própria prática, de Adriana Varani (1998), que contribuiu para que eu enxergasse com outros olhos essa árdua tarefa. Sua pesquisa, assim como a minha, tinha como objetivo olhar e analisar a própria prática enquanto continuava professorando. Ao refletir sobre o seu processo como formadora de alunos do Magistério, a pesquisadora voltou sua atenção para registros, gravações, nos quais podia analisar sua linguagem, seus gestos, suas escolhas de atuação e decisões. E o quanto isso se articulava ao seu discurso teórico, a suas ideias tão defendidas em diferentes espaços. Ler as análises sobre si mesma – a partir das categorias que elencou – abriu um horizonte de possibilidades para mim. Trouxe uma luz para o que eu poderia buscar em meus registros. Ou seja, perseguiria situações de interlocução com as pessoas, lugares, tempo com que interagi e que contribuíram na minha constituição como formadora.

Mais confiante, recomecei um novo processo ao analisar a pasta de determinado programa. Passei a renomear os documentos já incluindo informações que julguei serem pertinentes para me ajudar a identificar o que, daquele grande conjunto, parecia razoável (informações como data, um nome para a ação realizada, local onde isso se deu e outras). É importante esclare-

cer que os documentos já eram nomeados, mas não havia um padrão. Para não me perder nessa seleção criei um novo repositório chamado INVENTÁRIO.

Nas primeiras vezes, eu transferi cada grupo de documento analisado para o repositório Inventário. Porém, levava um certo tempo por precisar ir de uma tela para outra, para depois localizar a pasta ou subpasta para a qual faria a transferência. Outra vez aquele abatimento, a certeza de que era um trabalho sem fim! E finalmente, num momento de descida da montanha, compreendi que poderia ser mais eficiente contando com a ajuda de um pen drive. O procedimento passou a ser o de abrir a pasta do programa (considere, caro leitor, que em alguns casos são mais de cinco anos de atuação), analisar os documentos e renomeá-los, e então copiar para o pen drive e, finalmente, fazer a transferência para a determinada pasta ou subpasta. Esta simples solução me encheu de esperança. ‘Consentiu-me contemplar essa sucessão de atos aparentemente sem nexos que se tornou meu destino, porque foi criado por ele [mim]’ (CAMUS, 1989, p. 88).

E assim passei a enxergar a tarefa de organizar o inventário como uma possibilidade. O percurso podia até ser o mesmo: abrir pastas ano a ano, subpastas, verificar repetidamente o que selecionar e o que deixar. Isto, caro leitor, à primeira vista pode parecer mesmo entediante; entretanto, esse caminhar foi se transformando e a cada nova pasta, novo programa vasculhado, minha subida morro acima era diferente: a descida segurando a pedra também foi se constituindo como uma etapa importante, uma vez que ‘descer com a pedra nos ombros pode ser leve’ (SANT’ANNA, 2011). A transformação se deu não só no que se refere à metodologia que fui desenvolvendo para tornar o processo mais ágil, como também ao tornar mais claro o critério de seleção a partir dos questionamentos que ia me fazendo: será que me assustaria, assim como Varani (1998), ao me perceber entre incoerências e a partir disso aprender? Em que medida o meu discurso como formadora é alienante? Em que medida como formadora deixo-me alienar pelo discurso do outro?

Em muitos momentos dessa caminhada parei para apreciar a paisagem ao redor, ou mesmo

*para tirar uma pedra de meu caminho, para tomar fôlego, medir o tanto que faltava para chegar ao topo, olhar para trás e ver o que já tinha subido. Nesse movimento, fui me detendo nesses documentos, rememorando minhas relações com diversos interlocutores e contextos – porque foram muitos municípios, regiões, escolas... muitas pessoas. Mas: e Sísifo, será que ele também podia fazer essas paradas? Teria ele prazo para realizar a tarefa?* (FRAUENDORF, 2016, p. 27-30)

Em sua narrativa, a pesquisadora evidencia a dificuldade que teve de realizar a tarefa, assim como por vezes desejou desistir de fazê-la. Momentos de recusa, de aborrecimento, estão presentes em seu texto, revelados pela escolha de palavras como “insegurança”, “insensatez”, “desespero”, como no trecho: “me desesperei quando notei a quantidade de documentos que tinha guardados em meu computador desde quando era professora”.

Mas evidencia também a transformação que foi percorrendo. Revela como passou a reconhecer a relevância que inventariar os dados e guardados da pesquisadora tinha para buscar a si mesma: *E assim passei a enxergar a tarefa de organizar o inventário como uma possibilidade [...]*.

Certamente, o registro das reflexões e constatações acerca do processo percorrido pelo pesquisador, ao inventariar os dados de pesquisa mais que apenas listá-los, foi um grande ganho para as pesquisas do grupo.

Ao partilhar os procedimentos realizados e como os foi descobrindo, o pesquisador permite que o leitor tenha acesso a um conjunto de informações pouco evidenciado nas pesquisas, ou seja, acesse o processo percorrido por ele e não apenas o produto final, como geralmente tem ocorrido. Ao desvelar os meandros do ato de inventariar, cada autor/pesquisador expõe a relação estabelecida e os sentimentos evocados por esta ação. Revela-se pessoa e o quanto cada processo é

único, por isso tão rico e potente. Não há uma única forma para se fazer! Não há um único sentimento a viver!

Este ineditismo se dá porque, como observamos nas variadas pesquisas, está relacionado à temática do sujeito, assim como a organização do material é constituída a partir da história do sujeito.

Inventariar os materiais resulta em nós uma ampliação da noção de documento: não apenas a materialidade dos acontecimentos, mas também os discursos, as narrativas, os pequenos objetos, os materiais ordinários, insignificantes. Exige um trabalho paciente, de dias a fio, vendo e revendo lembranças. Ao debruçarmos-nos sobre materiais que posteriormente se transformam em inventário, nos debruçamos sobre nós mesmos. É inventariar nossa própria vida, nossa trajetória profissional e pessoal. (PRADO; MORAIS, 2011, p. 151)

Assim, o arejar da investigação, a partir dos materiais da vida pessoal e profissional, propicia a produção de novos sentidos tanto para o vivido como para a temática investigativa que nos orienta na produção do conhecimento científico.

## No diálogo com autores, a sustentação da ação de inventariar

Conceitos por vezes  
Não é fácil definir  
Algumas questões pautadas  
Vão em aberto por aqui.

Wilson Queiroz (2012, p. 222)

Mas não são apenas conselhos, orientações e saberes da experiência que circundam e sustentam a produção de um inventário. Para esta análise, são convidados teóricos que ajudam o pesquisador a dialogar com o material a partir do conhecimento construído por eles e assim enxergar, lidar, compreender coisas que

sozinho não conseguiria e, conseqüentemente, produzir um novo conhecimento.

A escolha desse referencial teórico não é aleatória e nem independente do processo de pesquisa. Ela justamente acontece em sintonia com o objeto desta última e a partir das experiências pessoais e profissionais do pesquisador.

Cunha (2010, p. 239) diz que:

Procurei fazer e pensar o meu inventário a partir destes ganhos de reflexão que Jacqueline e outras pesquisadoras do GEPEC escreveram, mas a partir da leitura do texto 'Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências', de Boaventura de Sousa Santos (2002) passei a reolhar meus guardados de outra forma, tentando enxergar o que faltava nelas, o que não guardei, o que não encontrei, o que ausentei, transformando em categorias de meu inventário as ausências e emergências dos meus catálogos: quais foram as coisas silenciadas? as pistas que estão por perto, mas parecem não se encaixar em nada, é um recado de pouca importância, mas que guardamos, guardamos... por que guardamos? as experiências ausentes foram silenciadas porque não soavam modernas, bonitas, contemporâneas ou oficiais?

Já Morais (2006, p. 240-241) recorre a Morin (1990) para ajudá-la em seu processo de reflexão disparado pelo inventário e conseqüentemente sobre si mesma:

Meu inventário, portanto, revela minhas próprias contradições, limites, inconclusões, incertezas, imprecisões. Ele é o produto e o processo de alguém que está em busca de um modelo que reconheça e incorpore a possibilidade de pensar o conhecimento de maneira compartilhada e complexa. Em busca. Não em chegada. [...]

Mas, como afirma Morin, *conhecer é produzir uma tradução da realidade* (1990: 161). Sendo tradução, será então uma (re)leitura e uma (re)escrita da experiência vivida pois *somos co-produtores do objeto que conhecemos* (MORIN, 1990: 161). Os dados da pesquisa, portanto, não são os elementos objetivos sob determina-

da disposição, mas uma criação do sujeito que pesquisa, uma quase ficção.

Bakhtin, no livro *Estética da criação verbal*, faz uma referência à palavra "inventário". Está em um trecho em que discute o "texto" e as ciências humanas, afirmando que onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento. *Textos*, para Bakhtin (2011, p. 307), "são pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos":

O pensamento das ciências humanas nasce como pensamento sobre pensamentos dos outros, sobre exposições de vontades, manifestações, expressões, signos atrás dos quais estão os deuses que se manifestam (a revelação) ou os homens (as leis dos soberanos do poder, os legados dos ancestrais, as sentenças e enigmas anônimos, etc.). O *inventário*, por assim dizer, cientificamente exato dos textos e a crítica dos textos são fenômenos mais tardios (trata-se de toda uma reviravolta no pensamento das ciências humanas, do nascimento da desconfiança). A princípio era a fé, que exige apenas compreensão – interpretação. Independente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida. (BAKHTIN, 2011, p. 308, grifo nosso)

Compreendemos que confeccionar um inventário significa um desafio para a grande maioria dos pesquisadores, pois estes não devem ser trazidos para o texto da pesquisa, apenas na configuração de "dados sem vida", para serem apresentados em tabelas, mas como narrativas do percurso. Chautz (2017, p. 55) nos convida a pensar a partir desta citação de Bakhtin:

Como inventariar a vida? É aí que esse fragmento de Bakhtin me ajuda, pois toma o 'texto' como ponto de partida da pesquisa e isso me permite no corpo da dissertação, 'inventariar'. Não para comprovar nada, mas para trazer a vida vivida e sentida no limiar das palavras.

Além de Bakhtin, encontramos nas palavras de Walter Benjamin (1995, p. 239-240, grifo

nosso) um convite ao ato de escavar-se, sem temer o que irá encontrar. Desse modo, o pesquisador passa a ser visto como um arqueólogo de si mesmo, ao inventariar os “guardados e achados da pesquisa”. A memória deixa de ser coadjuvante, nesse processo, e passa a ser protagonista, por ser compreendida como importante fonte de informação:

A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originaram seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente.

Certamente, o leitor, ao compreender a relevância de trazer à tona as memórias a fim de enxergá-las com olhos distanciados, de refletir sobre o impacto dessas lembranças e a relação destas com a vida pessoal e profissional e no

que esta se tornou, deve estar se perguntando: mas como é possível registrar memórias? De quais registros lançar mão, para desvendar as memórias que não fazem parte de nosso acervo material? Além de fotos, como recuperar fragmentos de uma infância, experiências no curso de magistério – momentos vividos, mas não escritos? Como resgatar a experiência de um passado, de uma infância e adolescência, a partir de uma outra perspectiva, a adulta? Como rememorar? O que rememorar?

Para isso, o Memorial de Formação (PRADO, FERREIRA; FERNANDES, 2011) surge como outra prática de investigação, relevante e potente, no contexto da pesquisa narrativa, por permitir a reconstrução dessas histórias que são evocadas pelo movimento de encontrar-se consigo mesmo a partir da análise dos documentos da pesquisa. É um caminho para tornar público algo que era privado e que fazia parte apenas das lembranças do pesquisador. Porém, este tema merece um outro artigo.

## Arremate de ideias

Transformar em poesia  
Uma experiência marcante  
Dizer do quanto foi feito  
E do que vem adiante.

Wilson Queiroz (2012, p. 222)

A relevância de organizar e inventariar os dados foi sendo desvelada na maioria das pesquisas analisadas, paulatinamente, contribuindo para com o processo de autoformação de cada sujeito, cada pesquisador. Ao refletirmos sobre o propósito de fazer o inventário, concordamos com Clandinin e Connelly (2011, p. 122):

Nossos textos de campo do dia da viagem, inalterados com o passar dos anos, não influenciados por memórias e experiências interventoras, pode mostrar uma imagem mais complexa, talvez até mesmo diferente dos acontecimentos

daquele dia [...]. As notas de campo, as fotografias, os trabalhos escritos pelos estudantes, as notas de planejamento dos professores são todos textos de campo que nos ajudam a adentrarmos em uma observação fria dos eventos que são lembrados de forma apaixonada.

Ao finalizar a organização do inventário, apenas concretizamos uma parte da pesquisa narrativa, visto que o grande desafio como pesquisador não está na coleta de informações somente, mas em produzir o texto de pesquisa a partir dos textos de campo. Um deslocar-se movido a responder perguntas sobre o significado, a relevância social e o propósito de tudo isso. Um deslocar-se em busca de uma pista para a pergunta: quem sou eu?

E na busca por si mesmo, seja no âmbito pessoal e profissional, no contexto de uma pesquisa narrativa, voltar-se para o passado, na perspectiva benjaminiana, é sair do presente orientado pelo futuro, movimento posto pela questão de pesquisa que, ao associar a pergunta – quem sou eu? – possibilita que encontremos em nossas próprias reminiscências, os muitos **eus** que nos habitam e que podem colaborar para a produção de respostas no contexto de nossas investigações no âmbito educacional.

Perguntas e respostas que, mais do que indicarem um caminho, estão abertas para produzir novos sentidos à ação de inventariar os (guar)dados e produzir conhecimentos a partir do profícuo diálogo entre os saberes do cotidiano escolar e os saberes acadêmicos.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Infância em Berlim por volta de 1900**. In: \_\_\_\_\_ . **Rua de mão única**. Obras escolhidas, v. II. Tradução de Rubens R. Torres Filho e

José Carlos M. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 71-142.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [online], Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em: 26 out. 2017.

CHAUTZ, Grace Caroline Chaves B. **Abrindo os cadernos da professora que pesquisa a própria prática: escrita narrativa e produção de conhecimento**. 2017. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa e histórias na pesquisa qualitativa**. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: Edufu, 2011.

CUNHA, Glória P. **SONORIDADES DO SUL: ausências, emergências, traduções e encantaria na educação**. 2010. 267 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

FRAUENDORF, Renata Barroso de S. **A voz de uma professora-formadora que se inventa e reinventa a partir da/com/na escola**. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

GERALDI, Corinta Maria G. **Produção do ensino e pesquisa na educação: estudo sobre o trabalho docente no curso de Pedagogia**. 1993. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

LIMA, Maria Emília Caixeta C. **Sentidos do trabalho mediados pela educação continuada em química**. 2003. 273 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MORAIS, Jaqueline de Fátima S. **Percursos de uma experiência de formação continuada: narrativas e acontecimentos**. 2006. 302 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Dulce Matos. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

PRADO, Guilherme do Val T.; MORAIS, Jaqueline de Fátima S. Inventário – organizando os achados de uma pesquisa. **EntreVer**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 137-154, 2011.

PRADO, Guilherme do Val T.; FERREIRA, Claudia Roberta.; FERNANDES, Carla Helena. Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escrita dos profissionais da educação. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 26, p. 143-153, set./dez. 2011.

QUEIROZ, Wilson. **De docência e militância: a formação de educadores étnicos num programa da Secretaria Municipal de Educação de Campinas - 2003 a 2007**. 2012. 381 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Sísifo desce a montanha**. Editora Rocco, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, 2002. Disponível em: <[www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia\\_das\\_ausencias.pdf](http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2017.

SERODIO, Liana Arrais. **Composição musical, interpretação e escuta: uma aproximação semioética para a didática da música na escola básica**. 2014. 396 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2014.

Recebido em: 16.11.2017  
Aprovado em: 05.02.2018

**Guilherme do Val Toledo Prado** é Doutor em Linguística Aplicada em Ensino de Língua Materna pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Professor do Departamento de Ensino de Práticas Culturais (DEPRAC), Faculdade de Educação, UNICAMP. Livre-Docente na Área de Educação Escolar. Coordenador do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada. e-mail: [gvptoledo@gmail.com](mailto:gvptoledo@gmail.com)

Rua Papa Leão XIII, n.14, casa 11, Bairro: Real Parque, Campinas, S.P., CEP: 13082-793, (19) 3325-8254 e (19) 99731-8714.

**Renata Barroso de Siqueira Frauendorf** é Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Formadora do Instituto Avisa Lá. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP. e-mail: [rsfrauendorf@globo.com](mailto:rsfrauendorf@globo.com)

**Grace Caroline Chaves Buldrin Chautz** é Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Orientadora Pedagógica da Rede Municipal de Campinas. e-mail: [gbuldrin@gmail.com](mailto:gbuldrin@gmail.com)